



ARTIGO DOSSIÊ

NARRATIVAS DO INSÓLITO, DISTOPIA E UTOPIA

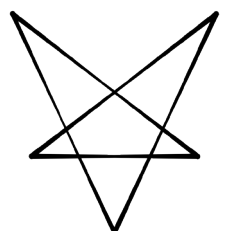
Utopia e Antropoceno: interseções de capitalismo e sociedade(s) na trilogia de *MaddAddão*, de Margaret Atwood

Utopia and Anthropocene: Capitalism and Societal Intersections in Margaret Atwood's *MaddAddam* Trilogy

Utopía y Antropoceno: intersecciones del capitalismo y de la(s) sociedad(es) en la trilogía *MaddAddam*, de Margaret Atwood

EUGÊNIA ADAMY BASSO

Doutora e Mestre em Letras pela UFPel. Graduada em Letras pela mesma universidade.
Docente do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS).
E-mail: eugenia.basso@veranopolis.ifrs.edu.br.





Resumo

A trilogia composta por *Oryx e Crake* (2003), *O ano do dilúvio* (2009) e *MaddAddão* (2013), da escritora Margaret Atwood, traz um contexto de distopia, a qual, em seu conceito enquanto sociedade, envolve um cenário pessimista que geralmente é resultante de uma utopia. Nas obras, o contexto distópico vivenciado apresenta uma intensificação da manipulação tecnológica e da expansão do sistema capitalista junto a um Estado enfraquecido pelo domínio de grandes corporações. Fatores advindos dessa guinada ao neoliberalismo englobam maior desigualdade social, destruição, escassez dos recursos naturais e violência. Com a expansão das inovações tecnológicas, fomenta-se a noção utópica transumana de melhoramento humano, distancian-do os corpos de sua organicidade. Desse modo, o objetivo deste artigo é entender como a atividade humana (de)formadora do ambiente social e ético contribuiu para o Antropoceno, resultando em corpos não humanos como uma esperança para uma nova sociedade.

Palavras-chave: Distopia; Utopia; Antropoceno; Capitalismo; Sociedade.

Introdução

O sistema capitalista, em sua trajetória política e social, vem sofrendo transformações ao longo do tempo e carrega consigo questionamentos éticos em cada uma delas, pois atinge um amplo território de diferentes nações ao redor do globo. No entanto, é possível afirmar que, em suas metamorfoses, as diversas formas de exploração se fazem presentes como impulso-ras da máquina sistemática. Nas distopias datadas da segunda metade do século XX, é comum se deparar com cenários pós-apocalípticos, recursos naturais esgotados, Estado e corporações que moldam e limitam as minorias por meio da violência, elites beneficiadas, manipulação e uso da tecnologia conforme interesse de grandes empresários – todos esses um resultado das ações humanas dentro de um sistema neoliberal.

Desse modo, é possível observar que há uma crise ética no funcionamento do capita-lismo. Entretanto, para que se entenda, é necessário observar como a ideia de capital seduz as massas: consumidores e produtores são livres para escolher diferentes opções de compra e venda de produtos; inserção e admissão da força humana de trabalho. No entanto, tal liber-dade é questionada porque aqueles que não conseguem participação neste contrato de venda de força de trabalho acabam sucumbindo à miséria. Também esses trabalhadores, quando in-cluídos nesse fluxo de contrato, muitas vezes acabam sem acesso aos meios de produção que desempenham:

As sociedades capitalistas, como as conhecemos, têm a intenção de abo-lir o trabalho não-livre do tipo encontrado nas sociedades feudais. Eles institucionalizam o trabalho livre na suposição de que os trabalhadores são livres e iguais. Esta é a versão oficial, pelo menos, mas é contrariada na realidade pela coexistência do capitalismo por mais de dois séculos com a escravidão do Novo Mundo. Mas, tirando isso, a força de trabalho dos “trabalhadores livres” é tratada como um bem, o qual é vendido pelo trabalhador à outra parte (o capitalista-empregador) (Fraser e Jaeggi, 2018, p. 16, tradução minha)¹.

1. Capitalist societies, as we know them, have tended to abolish unfree labor of the sort found in feudal socie-ties. They institutionalize free labor on the assumption that the workers are free and equal. This is the official version, at least, but it is contradicted in reality by capitalism’s coexistence for over two centuries with New World slavery. But this aside, the labor power of “free workers” is treated as a good that one party to a legal contract (the worker) owns and sells to the other party (the employer-capitalist).



O capitalismo neoliberal é focado no individualismo, visualizando o consumismo como o bem maior a ser buscado por cada um. Esse modelo se alimenta do enriquecimento desenfreado de nações poderosas e do empobrecimento das nações vulneráveis por meio da globalização. A utopia da livre escolha vendida pelo capitalismo neoliberal traz uma marginalização consequencial e, sendo assim, em algumas regiões, a revolta com esse patamar colabora com a ascensão de movimentos reacionários, como neofascismo, totalitarismo e fundamentalismo religioso:

A imagem agregada que emerge de um mundo do século XXI estruturado socioeconomicamente por políticas neoliberais e hegemonia nos níveis local, nacional e transnacional é sombrio: é de uma vasta transferência de poder e recursos do governo para empresa privada, de vida cívica cada vez menor substituída por consumismo, de uma classe oligárquica rentista emergente, de grandes segmentos da população confrontada com escassas condições materiais de existência e poucas perspectivas de mobilidade socioeconômica, e de um sentimento de um futuro próximo dominado por novos colapsos econômicos e crescentes conflitos sociais (Walonen, 2016, p. 11, tradução minha)².

O empobrecimento de nações ou parcelas da comunidade é necessário para sustentar o sistema capitalista, pois é preciso que a classe marginalizada continue a se submeter à classe dominante, mesmo que esta última também seja dependente de seu trabalho. No universo capitalista da trilogia de Atwood, em *Oryx e Crake* (2003), o primeiro livro, as multinacionais comandam a sociedade e crescem às custas da exploração dos trabalhadores e também das falsas promessas às massas ao utilizá-las como cobaias para a ciência, objetivando lucro. O protagonista Jimmy, conhecido como Homem das Neves, relembra a história que levou a sociedade onde vivia à completa destruição, deixando-o sozinho em meio a um cenário pós-apocalíptico que o obriga a dividir espaço com uma comunidade de pós-humanos, os crakers, fruto de um projeto criado por seu amigo de faculdade, Crake, que tinha como objetivo aniquilar a população humana sobre a Terra por meio de um vírus letal disseminado pela indústria farmacêutica. *O ano do dilúvio* (2009), segundo livro da trilogia – diferentemente do primeiro livro, que se passa na segurança dos grandes complexos científicos –, tem seu espaço fora da área protegida e privilegiada da sociedade, tendo como foco a população periférica, onde vivem os chamados “ratos da plebe”. Desse modo, prostitutas, ladrões, bêbados, mendigos, a fome, a miséria, a sujeira e a violência convivem diariamente. Em *MaddAddão* (2013), fechamento da trilogia, os personagens humanos sobreviventes do experimento destrutivo de Crake dividem espaço com novos seres, os crakers, o que gera determinados conflitos de percepções sobre o mundo entre suas sociedades.

Margaret Atwood (2011) analisa os contextos de sua obra quando aponta para os momentos que viviam a humanidade antes do apocalipse provocado pelo personagem Crake. A ciência transumanista, apoiada no capitalismo, castiga as camadas mais pobres da sociedade, resultando em grupos sociais abandonados à própria sorte. Os chamados “ratos da plebe”, na

2. The aggregate picture that emerges of a twenty-first century world structured socio-economically by neoliberal policies and hegemony at the local, national, and transnational levels is bleak: it is one of a vast handing-off of power and resources from government to politically connected private enterprise, of dwindling civic life replaced by rising consumerism, of an emerging oligarchic rentier class, of large segments of population faced with meager material conditions of existence and few prospects of socio-economic mobility, and of a looming sense of a near future dominated by further economic collapses and mounting social strife.



plebelândia fora dos complexos, vivem em anarquia porque foram também negligenciados e abandonados pelo Estado no mundo neoliberal. A esperança da utopia está nos crakers. Ao contrário da condição de pós-humano, o objetivo de Crake ao projetar esses seres é retornar ao estado anterior ao humano, pois, em diálogo com Atwood (2011), os problemas sociais e ambientais provocados pelo capitalismo econômico são fruto exclusivamente da condição de humanidade. A condição de naturalidade da qual o humano se distancia em sua subjetividade é justamente a única alternativa para evitar problemas como perversão, crimes passionais, poluição e consumismo. Tal ideia está em conexão com o que Atwood (2011) sugere quando defende que sua trilogia não é apocalíptica, visto que em mundos apocalípticos tudo é destruído, ao passo que no mundo destruído por Crake somente a raça humana é (quase) aniquilada. A visão proposta pela autora é de que a distopia do livro, na verdade, é a raça humana que ameaça a vida utópica e serena dos crakers em sua naturalidade.

Ao tratar-se de utopia, encontra-se o pensamento utópico conectado aos anseios humanos. Segundo Gregory Claeys (2017), compreende-se a ameaça da natureza humana para a ordem social:

Sociedades utópicas são construídas por seres humanos e feitas para eles. Ademais, utopistas muitas vezes desconfiam da capacidade dos indivíduos de viverem juntos e, por isso, frequentemente encontramos um conjunto rígido de leis no cerne das sociedades utópicas – regras que forcem os indivíduos a reprimir sua natureza instável e não confiável e vestir um traje social mais conveniente. (Claeys, 2017, p. 7, tradução minha)³

Nessa linha de imposição da ordem e descrédito da natureza humana, é possível perceber que a ponte entre utopia e distopia é facilmente atravessada, variando conforme a posição do sujeito e sua experiência:

A distância entre a utopia e a distopia é pequena e pode ser apenas uma questão de opinião e de juízos de valor. [...] Uma vez postas em ação, as utopias não podem ser controladas, e, muitas vezes, pretendem libertar ou tornar felizes os homens, independentemente de suas próprias vontades. A missão de toda utopia é regenerar as pessoas, ainda que precise enfrentá-las e impor-lhes esse alto destino. Eis o caminho que imperceptivelmente nos leva da utopia ao seu gêmeo fantasmático, ao seu *doppelgänger*: a distopia (Matos, 2017, p. 45).

Em seu estudo acerca dos universos utópicos e suas transformações, Andityas Matos (2017) tece uma conexão entre utopia e distopia traçando um panorama dessas construções nas ficções literárias, cinematográficas e na contemporaneidade real. A incapacidade de existência de um espaço utópico geralmente desencadeia o cenário da distopia, onde se criam grupos que acabam desprivilegiados em nome da ordem e do bem:

O papel do direito nas distopias é sempre marcante, apresentando-se como ordenamento eminentemente técnico cuja única função consiste em garantir a perpetuação da dominação social. Ocioso acrescentar que as sociedades distópicas se caracterizam pela inexistência de direitos e

3. Utopian societies are built by human beings and are meant for them. And it is because utopists very often distrust individuals' capacity to live together, that we very frequently find a rigid set of laws at the heart of utopian societies – rules that force the individuals to repress their unreliable and unstable nature and put on a more convenient social cloak.



garantias fundamentais, sendo altamente autoritárias, quando não totalitárias. A principal vítima sacrificada no altar dos (ainda?) fictícios Estados distópicos é a liberdade (Matos, 2017, p. 44).

A premissa da liberdade de escolha é a utopia do capitalismo, entretanto, o trabalhador vive a distopia da desigualdade social, da exploração de mão-de-obra, do culto ao consumismo e da destruição de recursos naturais. Vive-se na era em que os mecanismos do capitalismo se expandiram para além das áreas econômicas e financeiras, passando a penetrar a cultura, a política e, principalmente, os núcleos sociais. Nesse contexto, surge o conceito de Antropoceno, o qual responsabiliza a ação humana como fator determinante nas mudanças geológicas da Terra:

Formulado por Paul Crutzen e Eugene Stoermer em 2000, o conceito de Antropoceno tem sua origem em uma posição eminentemente razoável: o tempo geológico e da biosfera foi transformado de modo fundamental pela atividade humana. Uma nova conceitualização do tempo geológico – uma que inclua a “humanidade” como “grande força geológica” – é necessária (Moore, 2022, p. 14).

Jason Moore (2022) levanta discussões sobre a terminologia do Antropoceno e suas limitações, sugerindo que a mesma é incapaz de explicar mudanças ocorridas a partir do sistema capitalista, da relação de poder entre classes e o dualismo entre natureza e sociedade. Desse modo, propõe a terminologia de Capitaloceno, o qual “[...] entende o capitalismo como uma maneira de organizar a natureza – como uma ecologia-mundo multiespécie, situada e capitalista” (Moore, 2022, p. 17), sugerindo que o capitalismo é responsável pela organização da natureza como um todo, inclusive a natureza humana e suas relações sociais.

O termo Antropoceno é trabalhado por mais autores e problematizado em relação a suas aplicações. O antropólogo Peter Sutoris, apesar de utilizá-lo em suas pesquisas, afirma que tal conceito “coloca todos os seres humanos em uma única categoria, como se todos fossem igualmente responsáveis pela destruição ambiental” (2021, p. 2, tradução minha)⁴, ignorando o fato de que determinadas sociedades são as impulsionadoras da crise ambiental, enquanto outras são as vítimas de suas consequências. Ademais, Sutoris (2021) responsabiliza o perfil colonialista do mundo ocidental pelas mudanças climáticas que atualmente repercutem no planeta.

Há diversas alternativas a esse termo [Antropoceno]. “Angloceno”, “Capitaloceno” e “Oligantropoceno” têm sido propostos como possibilidades que captam de forma mais precisa a responsabilidade pela atual crise climática. Esses termos remetem a grupos distintos – como os mais ricos ou aqueles que vivem no mundo anglófono – como principais agentes da degradação ambiental (Sutoris, 2021, p. 3, tradução minha)⁵.

Ainda que o termo carregue, segundo o autor, uma problemática categorização, Sutoris (2021) sugere a decolonização da nomenclatura, trazendo o modelo colonial ocidental para uma desconstrução nas discussões da antropologia: países empobrecidos devem receber suporte para combater as consequências das mudanças climáticas. Além disso, faz-se necessá-

4. It puts all humans into a single category, as if we were equally responsible for environmental destruction.

5. Alternatives to this term abound. “Anglocene”, “Capitalocene” and “Oliganthropocene” have all have been put forward as possibilities that better capture the responsibility for our current climate crisis. These terms refer to a different group, such as the rich or those living in the English-speaking world, as the main driver of environmental decay.



rio direcionar o modelo de crescimento econômico – evitando visualizá-lo como objetivo único da sociedade ocidental.

Na trilogia em questão, de Margaret Atwood, há um mundo colapsado e assim normalizado: o fim dos recursos naturais, o protagonismo da engenharia genética das grandes corporações capitalistas, o abandono do Estado e a marginalização e vulnerabilização de camadas mais pobres da sociedade se relacionam ao conceito de Antropoceno advindo do modelo ocidental de crescimento econômico e, sendo assim, configura-se um cenário no qual os limites da ética são questionados em nome dos fins lucrativos.

Neoliberalismo e racismo ambiental: os complexos e a plebelândia

Diferentemente das distopias canônicas do século vinte, como *1984* (George Orwell), *Admirável Mundo Novo* (Aldous Huxley) e *Fahrenheit 451* (Ray Bradbury), as distopias do século XXI não partem do medo da opressão Estatal totalitária, mas sim, do caos da globalização, crescimento econômico capitalista neoliberal e descentralização Estatal. Os romances *Oryx e Crake* (2003), *O Ano do Dilúvio* (2009) e *MaddAddão* (2013) expõem determinadas características contextuais de uma segunda virada distópica que traz um mundo oriundo das transformações do capitalismo financeiro a sua expansão desde a Segunda Guerra Mundial, o que possibilita uma readequação para o contexto de Estado, seu papel nas vidas dos personagens e as noções éticas que o sustentam.

No romance *Oryx e Crake* (2003), o pai do protagonista Jimmy trabalha para as fazendas OrganInc e, entusiasmado, relata ao filho sobre os projetos elaborados pela ciência à humanidade. A mãe de Jimmy, que foi microbiologista da mesma companhia, mas, depressiva, não compactua com os caminhos que as empresas percorrem, o que seguidamente resulta em discussões familiares entre o casal. Usualmente, os projetos das companhias pretendiam envolver o público com promessas apelativas de estética e desempenho sexual:

O retorno financeiro em caso de sucesso seria enorme, o pai de Jimmy explicou [...]. Qual a pessoa bem-sucedida – que um dia fora jovem e bonita e agora se entupia de hormônios e vitaminas, mas vivia ameaçada pelo implacável espelho – que não venderia a casa, os filhos e a alma para recuperar o vigor sexual? NooSkins para voltar aos Velhos Tempos, dizia a propaganda (Atwood, 2018, p. 59).

O exemplo trazido pelo pai de Jimmy é referente a uma das biotecnologias propostas pela engenharia genética que, em seu processo de desenvolvimento, recrutava voluntários para processo de testagem, os quais acabavam com a saúde comprometida e sem forças para acionar a companhia na justiça. Por discordar dos processos antiéticos da empresa, a mãe de Jimmy se afasta desse ramo e passa a criticar as ações do marido. Em uma das vezes em que o pai de Jimmy relata à esposa o sucesso de uma experiência de um projeto de neuroregeneração na empresa, ela rebate:

– Atitude positiva em relação a quê? Ao fato de você ter inventado mais uma maneira de arrancar até o último tostão de gente desesperada? [...] Vocês fazem um estardalhaço dos seus produtos e tiram todo o dinheiro delas, aí elas ficam sem dinheiro e não recebem mais tratamento. Para você e seus amigos, não importa que elas apodreçam” (Atwood, 2018, p. 60).



Categorizada pela mãe de Jimmy como uma conduta antiética da empresa e da equipe, a personagem se torna apática e depressiva pois, segundo o marido, cabe a ela a aceitação, tendo em vista que o emprego da corporação é o que garante o sustento da família. O discurso do pai de Jimmy versa que os produtos da empresa são responsáveis por garantir a esperança dos clientes, por fazê-los se sentirem motivados a buscar melhorias nas áreas da estética, da performance pessoal e da saúde e que, mesmo que resultados não sejam alcançados, a esperança é tida como válida.

O fato é que as grandes multinacionais presentes em *Oryx e Crake* (2003) se expandem e se consolidam por meio de um discurso que garanta a compra e a venda de produtos para manutenção de capital. Aproveitando-se da realidade de vulnerabilidade de uma sociedade cansada e carente de experiência subjetiva⁶, utilizam da frustração alheia para alimentar o adoecimento desses indivíduos. Crake, amigo de Jimmy, também a serviço de umas das inúmeras corporações, revela o jogo que alimenta o fluxo econômico:

– As melhores doenças, sob o ponto de vista comercial – continuou Crake –, seriam aquelas que causassem enfermidades prolongadas. O ideal – isto é, para se obter o máximo de lucro – é que o paciente fique curado ou morra antes de o seu dinheiro acabar completamente. É um cálculo refinado. (Atwood, 2018, p. 200).

Crake explica que um dos métodos de lucro da grande corporação HelthWyzer é adoecer a população da plebelândia por meio da inserção de vírus hostis em pílulas de vitaminas comumente vendidas, esperar sua propagação e, posteriormente, fazer a venda de antídotos. Assim, por meio da exploração da marginalidade desses indivíduos, as grandes corporações se propagam, adquirindo cada vez mais força e poder. Sobre isso, retomando Walonen (2016), percebe-se que o capitalismo neoliberal é focado no individualismo, visualizando o consumismo como o bem maior a ser buscado por cada um, tornando-se um capitalismo “sem freios”. Esse modelo se alimenta do enriquecimento desenfreado de nações poderosas e do empobrecimento das nações vulneráveis por meio da globalização.

Desse modo, a expansão das grandes corporações da distopia de *Oryx e Crake* (2003) se deu por conta de promessas não cumpridas que culminaram na servidão de determinada parcela da sociedade. Aproveitando-se do desamparo dos mais pobres e desinformados, expandiram seus domínios por meio da propagação de doenças, da venda de medicamentos, da imposição estética, da exploração sexual, da banalização da violência como entretenimento às camadas privilegiadas, da destruição e do racismo ambiental. Isso é um resultado do descontrole da política neoliberal de biopoder dessas companhias e seus interesses em controlar as ações humanas na sociedade. Ao tratar-se de capitalismo e suas diferentes fases, o regime neoliberal promove uma filosofia de autonomia econômica, o que libertaria os indivíduos. No entanto, essa emancipação tem uma problemática a ser questionada, pois nesse sistema de compra e venda de força de trabalho ainda há uma regulamentação que restringe benefícios e garante regalias de maneira parcial.

Na ilusória liberdade individual do capitalismo, a segregação e a restrição dos sujeitos periféricos se acentuam nas desigualdades. Nessa seara, retomando o conceito do Antropoceno, entra em foco o conceito de racismo ambiental, o qual:

6. A experiência está voltada para o mundo exterior. Ver e pensar claramente vão além do eu. [...] a experiência implica a capacidade de aprender a partir da própria vivência. Experimentar é aprender; significa atuar sobre o dado e criar a partir dele. O dado não pode ser conhecido em sua essência. O que pode ser conhecido é uma realidade que é um constructo da experiência, uma criação de sentimento e pensamento (Tuan, 1983, p. 11).



Diz respeito a um tipo de desigualdade e de injustiça ambiental muito específico: o que recai sobre suas etnias, bem como sobre todo grupo de populações ditas tradicionais – ribeirinhos, extrativistas, geraizeiros, pescadores, pantaneiros, caçaras, vazanteiros, ciganos, pomeranos, comunidades de terreiro, faxinais, quilombolas etc. – que têm se defrontado com a ‘chegada do estranho’, isto é, de grandes empreendimentos desenvolvimentistas – barragens, projetos de monocultura, carcinicultura, maricultura, hidrovias e rodovias – que os expõem de seus territórios e desorganizam suas culturas, seja empurrando-os para as favelas das periferias urbanas, seja forçando-os a conviver com um cotidiano de envenenamento e degradação de seus ambientes de vida (Herculano, 2008, p. 16).

Na trilogia *MaddAddão* (2013), o racismo ambiental é explícito na camada social da Plebelândia. Nela, vivem os menos privilegiados – público perfeito para a realização das experiências genéticas, largados à própria sorte em um cenário de total violência, exploração sexual, precarização dos direitos básicos – como saneamento e alimentação –, exposição maior à poluição, como é observado principalmente no segundo livro, *O ano do dilúvio* (2009).

As marcas do Antropoceno na trilogia de Atwood se fazem presentes por meio da artificialização da vida, a qual perde sua organicidade. Espécies de animais, por meio da destruição dos ecossistemas, são extintas, cabendo à engenharia genética a criação de organismos híbridos, geneticamente modificados, como as guaxitacas, para apoio emocional, e os porcões, para a doação de órgãos.

Mas as guaxitacas passaram a ser consideradas animais de estimação dentro da OrganInc. Elas não tinham vindo do mundo lá de fora – o mundo fora do Complexo –, então não possuíam micróbios estranhos e não apresentavam risco para os porcões. Além disso, elas eram bonitinhas (Atwood, p. 55, 2003).

Como já mencionado, os Complexos são ambientes à parte da sociedade vulnerável, sendo privilegiados com os avanços da tecnologia e poupados das mazelas sociais, pois são habitados apenas por pessoas com maior poder aquisitivo. Assim, essas pessoas não são afetadas diretamente pela toxicidade dos resíduos e pela água contaminada do meio em que vivem, por exemplo, estando protegidas de doenças e quaisquer contaminações. No entanto, não escapam do colapso alimentar da agricultura industrial: a alimentação é hiperprocessada e geneticamente manipulada:

A Escola HelthWyzer gostava de fazer as coisas à moda antiga, com tendas e mães com chapéus floridos e pais com panamás, e ponche de frutas, com ou sem álcool, e café Happicuppa, e pequenos tubos plásticos de sorvete SoYummie, uma marca exclusiva da HelthWyzer, de chocolate de soja, manga de soja e dente-de-leão torrado de soja e chá verde. Era um cenário festivo (Atwood, 2003, p. 165).

O café Happicuppa, no trecho supracitado, é um produto transgênico símbolo da exploração ambiental e social na obra. É produzido em larga escala e colhido por máquinas, o que levou à falência e à fome os pequenos produtores. Ademais, extensas áreas florestais são desmatadas para a plantação dos grãos, ocasionando uma forte resistência mundial. Inúmeras manifestações violentas contra o consumo do café eram transmitidas na mídia, advindas de sindicatos e movimentos radicais – tornando-se até uma programação midiática de lazer nos



complexos. Os grandes produtores de café, mesmo assim, se sentem seguros, afinal, como um deles cita na obra, “ – Eles vão se cansar disso, vão desistir. Todo mundo quer pagar menos por uma xícara de café, não tem como lutar contra isso” (Atwood, 2003, p. 172).

Também no segundo romance, *O ano do dilúvio* (2009), encontram-se evidências explícitas do Antropoceno. Na narrativa, o vírus letal executado por Crake é referenciado como Dilúvio Seco, fazendo uma referência bíblica ao dilúvio presente em Gênesis protagonizado por Noé. O termo é utilizado por um grupo religioso, os Jardineiros de Deus, que são um contraponto ético e ecológico ao capitalismo extremo da sociedade. Desse modo, os Jardineiros de Deus se apresentam como um lugar de refúgio ou salvação àqueles que querem se desligar da barbárie da civilização, rejeitando o consumismo, cultivando seu próprio alimento e utilizando de uma estratégia religiosa para criar hierarquias como forma de organização social.

Liderados por Adão Um, os membros dessa filosofia participam de sermões, hinos e festividades baseados em figuras importantes para a religião, como determinadas personalidades ou animais louvados em sua filosofia, momentos significativos que vivenciam e reafirmação de regras de conduta:

Oremos, então, para não cairmos no erro do orgulho e nos considerarmos excepcionais, os únicos da Criação que possuem alma. E que não imaginemos que somos superiores a todos os demais e que podemos destruí-los, ao nosso bel-prazer, sem sermos punidos. Nós Vos agradecemos, ó Deus, por nos ter criado de maneira a não nos esquecermos de que não somos apenas inferiores aos anjos, mas também atados pelos laços do DNA e RNA a nossas queridas criaturas (Atwood, 2011, p. 69).

Adão Um prega que a ambição humana é o motivo para sua própria ruína, responsabilizando o homem pelas catástrofes ambientais e pela violência social. No trecho acima, ele reforça em sua oração sua igualdade às demais criaturas habitantes da Terra.

A catástrofe, ocasionada pelo personagem Crake no primeiro romance, é um elemento central na trilogia, sendo explorado em *O ano do dilúvio* (2009) por uma perspectiva religiosa e simbólica. Ao analisar a filosofia dos Jardineiros de Deus, percebe-se uma rejeição de uma corrente antropocêntrica, dialogando com as ideias da antropóloga Anna Tsing (2019), a qual sugere que a sobrevivência humana em meio ao Antropoceno depende de uma colaboração entre humanos e não humanos, baseada na cooperação ecológica e no cuidado.

Para apreciar os desafios do Antropoceno, no entanto, precisamos prestar mais atenção às socialidades interespecies das quais todos nós dependemos. Enquanto bloqueamos tudo o que não é humano, fazemos da sustentabilidade um conceito mesquinho limitado; perdemos o rumo – do trabalho comum que é necessário para viver na Terra tanto para humanos quanto para não humanos (Tsing, 2019, p. 239).

Nesse sentido, a proposta filosófica da religião dos Jardineiros de Deus pode ser vista como uma alternativa ao Antropoceno, visto que, enquanto o capitalismo neoliberal promove a rápida industrialização, o consumismo, a monocultura e o controle biológico, os Jardineiros defendem o cuidado, um ritmo calmo de viver, a igualdade e a diversidade biológica.

Em síntese, nota-se que o Antropoceno na obra é um fenômeno desigual entre as diferentes camadas da sociedade da trilogia de *MaddAddão* (2013). Como consequência disso, a geografia do racismo ambiental se faz representada na plebelândia, onde vivem os indivíduos



em situação de vulnerabilidade econômica. A vida perde sua organicidade e se torna cobaia de experimentos de grandes corporações, o Estado reconfigura seu papel, os complexos são isolados do ambiente degradado e vivem em situação de proteção, e a devastação ambiental em nome das plantações transgênicas e de mão de obra barata são prioridade. Logo, o Antropoceno não se apresenta como um evento único, mas em etapas cumulativas dentro da narrativa, as quais revelam tensões e possibilidades de resistência.

Humanos e não humanos: uma esperança ao Antropoceno

Os teóricos Elaine Gan, Nils Bubandt, Anna Tsing e Heather Swanson, em seu livro *Arts of living on a damaged planet*, trazem o conceito de fantasmas, não no sentido sobrenatural do termo, mas como uma ideia de rastros da destruição capitalista e colonialista, os quais persistem em agir no presente e assombram novas paisagens – como em espécies extintas, as quais ainda afetam ecossistemas, contaminações do solo e do ar e desigualdade social.

Os fantasmas nos lembram de que vivemos em um presente impossível – um tempo de ruptura, um mundo assombrado pela ameaça de extinção. Histórias profundas tombam em sepulturas indisciplinadas que são niveladas por tratores e transformadas em jardins do Progresso. [...] Os fantasmas também são ervas daninhas que sussurram relatos dos muitos passados e dos futuros-por-vir que nos cercam. Mundos já terminaram muitas vezes antes, eles dizem. Os fins chegam com a morte de uma folha, a morte de uma cidade, a morte de uma amizade, a morte de coisas pequenas e de pequenas histórias. As paisagens que crescem a partir desses fins são tanto o nosso desastre quanto a nossa esperança daninha (Bubandt *et al*; 2017; p. 7)⁷.

Ao advertir que a ameaça de extinção não é futura, mas sim presente, os fantasmas vão de encontro à ideia de progresso, buscando pequenas estratégias de sobrevivência entre humanos e não humanos e sussurrando histórias de passados esquecidos. O Antropoceno é feito de múltiplos mundos terminados – povos dizimados, espécies extintas, comunidades deslocadas – sendo algo cotidiano nos tempos modernos. No entanto, quando os autores afirmam que novas paisagens crescem a partir desses fins, eles sugerem que há possibilidades de recomeços.

No último livro da trilogia, *MaddAddão* (2013), a condição de pós-catástrofe, que visava a extinção da espécie humana, é apresentada como um espaço de ruínas habitadas pelos humanos sobreviventes, animais e os crakers. Tais criaturas são uma espécie de pós-humano fruto do Projeto Paradise, cujo objetivo era eliminar a humanidade e todos os seus males, perpetuando somente as características positivas. Fisicamente são altos, resistentes às intempéries da natureza como a luz solar e a escassez de alimentos, e são vegetarianos. Os crakers não carregam consigo a parte subjetiva amorosa, portanto, o ato sexual é puramente reprodutivo e periódico, com rituais de acasalamento. As relações conjugais e monogâmicas são abolidas da espécie pois

7. Ghosts remind us that we live in an impossible present – a time of rupture, a world haunted with the threat of extinction. Deep histories tumble in unruly graves that are bulldozed into gardens of Progress. Yet Arts of Living is also a book of weeds – the small, partial, and wild stories of more-than-human attempts to stay alive. Ghosts, too, are weeds that whisper tales of the many pasts and yet-to-comes that surround us. Worlds have ended many times before, they say. Endings come with the death of a leaf, the death of a city, the death of a friendship, the death of small things and small stories. The landscapes grown from such endings are our disaster as well as our weedy hope.



são consideradas impulso para emoções negativas e passionais de violência. Além disso, em sua ideologia, os crakers não teriam religião ou cultura, marca essencial do ser humano.

Ao contrário da condição de pós-humano⁸, o objetivo de Crake ao projetar esses seres é retornar ao estado anterior ao humano, pois, em diálogo com Atwood (2011), os problemas sociais e ambientais provocados pelo capitalismo econômico são fruto exclusivamente da condição de humanidade. A condição de naturalidade da qual o humano se distancia em sua subjetividade é justamente a única alternativa para evitar problemas como perversão, crimes passionais, poluição e consumismo. Tal ideia está em conexão com o que Atwood (2011) sugere quando defende que sua trilogia não é apocalíptica, visto que em mundos apocalípticos tudo é destruído, ao passo que no mundo destruído por Crake somente a raça humana é (quase) aniquilada. A visão proposta pela autora é de que a distopia do livro, na verdade, é a raça humana que ameaça a vida utópica e serena dos crakers em sua naturalidade.

Os Crakers, como criaturas da bioengenharia, podem ser vistos como pós-humanos, mas, uma vez despojados dos elementos culturais que, segundo Crake, são a essência da humanidade, podem ser vistos como pré-humanos. Além disso, eles não podem interagir com a tecnologia, pois não há nenhuma em seu mundo, e sua curta vida útil é o oposto da eternidade ideal buscada pelo transumanismo. O projeto de transumanismo de Atwood é, também (e ao mesmo tempo), pós-humano e pré-humano (Marques, 2017, p. 185, tradução minha)⁹.

No fragmento supracitado, Eduardo Marques (2017) aponta para um paradoxo na constituição dos crakers, tendo em vista que, apesar de terem sido criados a partir da genética humana, não carregam consigo uma característica inata da humanidade e sua subjetividade: a capacidade de produzir cultura. Para Crake, a subjetividade é a responsável pelos defeitos da raça humana, pois gera sentimentos, complexidades, possibilidade para atritos. A longevidade – elemento foco do transumanismo – é algo a ser eliminado na geração dos crakers, tendo em vista que o propósito da existência é a mera sobrevivência e reprodução. Ademais, a interação com a tecnologia, também em mau uso pela geração de Jimmy e Crake, é desconhecida pelos crakers. Portanto, jamais teriam contato com situação que outrora foram vivenciadas por Crake e Jimmy, como assistir a assassinatos virtuais, pornografia infantil, invasões online e roubo de dados: “O projeto de extinção humana de Crake é definitivamente contrário ao capitalismo tecnológico tardio e às desigualdades que ele cria” (Marques, 2017, p. 195, tradução minha)¹⁰. É possível entender que, para Crake, o retorno à naturalidade biológica humana em condição de pré-humano é o caminho para um recomeço em meio ao fenômeno do Antropoceno.

8. Aqui, toma-se como base para o conceito de pós-humano a visão de Max More (2013), que aborda o viés transumanista e pós-humanista em seus estudos, sugerindo que os transumanistas defendem que a natureza humana não é um fim em si mesma nem um dado inviolável, mas uma etapa provisória da evolução passível de remodelação tecnológica. Nessa perspectiva, o uso deliberado da tecnologia permitiria a superação de limites considerados indesejáveis da condição humana, conduzindo à constituição de sujeitos pós-humanos, menos vulneráveis à doença, ao envelhecimento e à morte, ainda que submetidos a novos desafios.

9. The Crakers, as bioengineered creatures, can be seen as posthuman but, once they are stripped of the cultural elements that, according to Crake, are the essence of humanity, they can be seen as pre-human. Also, they cannot interact with technology as there is none in their world, and their short lifespan is in the polar opposite of the ideal eternity sought after by transhumanism. Atwood’s transhumanism project is, also (and at the same time), post-human and pre-human.

10. Crake’s project of human’s extinction is, ultimately, against late technological capitalism and the inequalities it creates.



Por outro lado, observa-se que os crakers são criaturas movidas pela curiosidade que, mesmo não sendo uma característica unicamente humana, leva-os a desenvolver traços típicos de humanidade. Ao apresentar-se como Homem das Neves, Jimmy Ihes conta histórias de seu surgimento, atribuindo a elas um caráter mitológico que omite a real brutalidade envolvida. Desse modo, surge uma das primeiras marcas culturais dos crakers, que é a conformação de um ritual no qual, em troca de uma história contada, o Homem das Neves recebe dos crakers um peixe. A partir de então, passam a desenvolver traços de religiosidade, manifestando devoção a deuses, estando Crake na posição de deus criador e Oryx como deusa responsável por todos os animais.

Essa conexão com a religião e a cultura aproxima os crakers à condição de humano, questionando as limitações a que foram criados. Marques (2015) defende que a situação pós-apocalíptica é uma consequência que vai além do projeto de Crake de extinguir a humanidade, mas um resultado do capitalismo e seu assolamento, para a qual a população de crakers serviria como um retorno à natureza, de caráter utópico. Ainda assim, no projeto de repopulação da terra, os crakers não teriam contato com seres humanos, pois estariam preparados para viver em sua própria comunidade. No entanto, ao estabelecerem contato com humanos, o projeto segue outro rumo e ambas as espécies encontram afinidades, consolidando-se uma linha sutil que as separa.

A tenuidade fica ainda mais evidente quando entra a participação de Toby, sobrevivente do Dilúvio Seco e ex-integrante dos Jardineiros de Deus, atua nesse processo como mediadora ética entre humanos e não humanos, introduzindo e consolidando a escrita na vida de Barba Negra, criança craker na obra *MaddAddão* (2013). Sabendo que a linguagem é uma ferramenta que liga o passado ao presente e futuro da humanidade, destaca-se tal elemento como uma característica nata do ser humano, diferenciando-o dos demais animais. Seguindo os passos de Jimmy, Toby é percebida como uma figura importante para os crakers pois, além de representar força e sabedoria, também faz contação de histórias. Ao ensinar Barba Negra a ler e escrever, vislumbra um futuro desafiador, sabendo que, a partir da linguagem, as gerações de crakers se transformariam completamente, formando uma nova sociedade que talvez coabitaria com a sua.

Mais tarde, após a chuva, após o final da chuva, ela o encontra na caixa de areia [Barba Negra]. Ele segura uma vareta e o papel. O nome dele está escrito na areia. As outras crianças assistem. Todas cantam. O que fiz agora?, ela pensa. Abri uma lata de minhocas? São tão rápidas essas crianças: vão pegar isso e transmitir para todos os outros. O que virá depois? Regras, dogmas, leis? Testamento de Crake? Quanto tempo até que eles sintam que devem obedecer a textos antigos que se esqueceram de como interpretar? Será que os arruinei? (Atwood, 2019, p. 242).

A preocupação de Toby também é com seus próprios registros, preocupando-se se seriam lidos e tomados como verdade sobre sua origem, pois alimentava um diário com todos os relatos sobre a história do apocalipse e os primórdios dos crakers. Além do mais, Toby possivelmente enxerga os crakers como humanizados, pois já projeta um futuro estruturado nos moldes de sua sociedade. No fragmento citado, Barba Negra representa a aptidão da aprendizagem, em um papel de aculturação, enquanto Oryx, Toby e Jimmy transferem hierarquicamente seus conhecimentos. Posteriormente, transgredindo os objetivos iniciais do projeto de Crake, Barba Negra se torna o primeiro craker a desenvolver a escrita, resgatando a história de seu povo e a incorporá-la em cultos: “E agora acrescentei as Palavras, e coloquei as coisas que



aconteceram depois que Toby deixou de fazer qualquer Escrita e as coloquei no Livro. E fiz isso para que todos saibam dela, e de como começamos a existir” (Atwood, 2019, p. 439).

Desse modo, firma-se uma característica cultural e religiosa, em que Barba Negra narra as histórias do seu povo e eles encerram tal momento por meio de cantoria. Nessa dinâmica, o uso da linguagem como intercâmbio cultural não se torna unicamente humano e promove marcas identitárias que conferem subjetividade aos falantes dessas novas sociedades.

Como pode ter ocorrido a alguém que outras coisas vivas além dos humanos não são sociais? Quanto mais pensamos sobre isso, mais ridícula se torna a oposição entre a socialidade humana e a não humana. O que é não socialidade? Se social significa “produzido em relações intrincadas com outros significantes”, claramente outros seres vivos não humanos são totalmente sociais – com ou sem humanos. [...] O conceito de socialidade não faz distinção entre humano e não humano: a “socialidade mais que humana” inclui ambos (Tsing, 2019, p. 119).

Tsing aborda a questão da sociabilidade através de um viés organizacional, indicando que não há necessidade de uma validação humana sobre outras sociedades de seres vivos. Sendo assim, os crakers, ainda que apresentem características humanas (religiosidade e linguagem), podem ser entendidos como seres sociais, evitando uma dualidade entre humano e não humano.

Dessa maneira, percebe-se que os registros produzidos pelos crakers – representados por Barba Negra – podem ser entendidos como um meio de não repetir comportamentos anteriores à catástrofe, servindo como um alerta às sociedades futuras. Ademais, os crakers, que surgem como uma experiência de salvação ao meio ambiente, acabam por se tornar uma experiência em aberto, sujeita a imprevisibilidades, novas culturas, novos erros e acertos – visto que o projeto de Crake, de criar uma espécie ausente de características humanas, falha.

Conclusão

A leitura da trilogia de *MaddAddão* (2013) permite compreender uma não homogeneidade do Antropoceno, sendo consequências deste período o racismo ambiental, a mercantilização da vida e a intensificação do consumismo – possibilitando constatar que nem todos são unicamente responsáveis ou afetados por tais situações. A população periférica se configura como recurso explorável, sendo objeto da indústria farmacêutica e de estética. Ademais, a plebelândia está frequentemente exposta à violência, esta muitas vezes transmitida midiaticamente como entretenimento aos habitantes dos complexos. A partir disso, entende-se que a utopia capitalista neoliberal de liberdade de escolha é falha: a distopia surge quando o Estado se retira do cenário e as grandes corporações se instauram na sociedade, acarretando a ausência de direitos e proteção social.

No que tange ao colapso ambiental, a trilogia de Atwood viabiliza questionar o pensamento antropocêntrico como base ética de sociedade, estando ele diretamente relacionado aos problemas oriundos do capitalismo. É possível sugerir que os romances apresentam uma perspectiva pós-antropocêntrica, a qual reconfigura a posição humana nos cenários da obra. A falha no projeto de aniquilação da espécie humana cede espaço à convivência com novos seres sociais, os crakers, os quais, em diálogo com os sobreviventes, estabelecem novas manifestações culturais e meios de sobrevivência advindos da troca de experiências. Tal panorama comprova que a humanidade não desaparece completamente, mas se perpetua, deslocando-se de uma posição central para uma posição de negociação.



É na capacidade de sobreviver nas ruínas que está a esperança em meio ao Antropoceno. Os humanos, carentes da civilização tecnológica, aprendem a conviver com os crackers, seres projetados para a vida natural. A cooperação entre espécies traz um modelo híbrido de vida, no qual fantasmas se perpetuam por meio da linguagem, dos registros, da religiosidade – constituindo memória. Sendo assim, a trilogia não propõe uma redenção da humanidade em meio ao caos, mas uma proposta ética de continuidade das diferentes formas de vida na Terra.

Referências

- ATWOOD, Margaret. *MaddAddão*. Tradução de Márcia Frazão. Rio de Janeiro: Rocco, 2019 [2013].
- ATWOOD, Margaret. Margaret Atwood: the road to Ustopia. *The Guardian*, Londres, 14 out. 2011. Disponível em: <https://www.theguardian.com/books/2011/oct/14/margaret-atwood-road-to-ustopia>. Acesso em: 10 dez. 2025.
- ATWOOD, Margaret. *O ano do dilúvio*. Tradução de Márcia Frazão. Rio de Janeiro: Rocco, 2011 [2009].
- ATWOOD, Margaret. *Oryx e Crake*. Tradução de Léa Viveiros de Castro. Rio de Janeiro: Rocco, 2018 [2003].
- BUBANDT, Nils; GAN, Elaine; SWANSON, Heather; TSING, Anna. *Arts of living on a damaged planet*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2017.
- CLAEYS, Gregory. *Dystopia: a natural history*. Oxford: Oxford University Press, 2017.
- DE MARQUES, Eduardo Marks. Human after all? Neo-transhumanism and the post-Anthropocene debate in Margaret Atwood's MaddAddam trilogy. *Revell: Revista de Estudos Literários da UEMS*, v. 3, n. 17, p. 178–190, 2017.
- FRASER, Nancy; JAEGGI, Rahel. *Capitalism: a conversation in critical theory*. Medford: Polity, 2018.
- HERCULANO, Selene. O clamor por justiça ambiental e contra o racismo ambiental. *Revista de Gestão Integrada em Saúde do Trabalho e Meio Ambiente*, v. 3, n. 1, p. 1–20, 2008.
- MATOS, Andityas. Utopias, distopias e o jogo da criação de mundos. *Revista da UFMG*, Belo Horizonte, v. 24, n. 1–2, p. 40–59, jan./dez. 2017.
- MOORE, Jason W. (org.). *Antropoceno ou Capitaloceno: natureza, história e a crise do capitalismo*. Tradução de Antônio Xerxenesky; Fernando Silva e Silva. São Paulo: Elefante, 2022.
- MORE, Max. The philosophy of transhumanism. In: MORE, Max; VITA-MORE, Natasha (org.). *The transhumanist reader: classical and contemporary essays on the science, technology, and philosophy of the human future*. Oxford: Wiley Blackwell, 2013. p. 3–17.
- SUTORIS, Peter. The term “Anthropocene” isn’t perfect, but it shows us the scale of the environmental crisis we’ve caused. *The Conversation*, 20 out. 2021. Disponível em: <https://theconversation.com/the-term-anthropocene-isnt-perfect-but-it-shows-us-the-scale-of-the-environmental-crisis-weve-caused-169301>. Acesso em: 14 dez. 2025.
- TSING, Anna. *Viver nas ruínas: paisagens multiespécies no antropoceno*. Brasília: IEB Mil Folhas, 2019.
- TUAN, Yi-Fu. *Espaço e lugar: a perspectiva da experiência*. Tradução de Livia de Oliveira. São Paulo: Difel, 1983. 249 p.
- WALONEN, Michael. *Contemporary world narrative fiction and the spaces of neoliberalism*. Florida: Palgrave Macmillan, 2016.